



A RELAÇÃO DA AFETIVIDADE COM O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Ana Lucia da Silva Ferreira¹
Ana Paula da Silva Ferreira²
Maria José da Silva Ferreira³
Márcia de Albuquerque Alves⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal analisar como o trabalho docente afetivo pode auxiliar no processo ensino-aprendizagem da criança. Para tanto, dialoga com autores como Paulo Freire (1996, 2005, 2011), Jean Piaget (1976,1985), Lev Vygotsky (2000, 2003), Henri Wallon (1954,1979), entre outros. A metodologia utilizada para este trabalho foi uma pesquisa bibliográfica e documental de natureza qualitativa, a qual perpassa pela pesquisa em livros e Artigos científicos. Como resultado, foi apresentado ao final da pesquisa uma proposta pedagógica referente a Pedagogia da Afetividade, uma vez que identificamos como é importante a adoção desta atividade sem implicar na dinâmica do planejamento da turma.

Palavras-chaves: Afetividade; Aprendizagem; Educação infantil; Pedagogia.

ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze how affective teaching work can help in the child's teaching-learning process. To do so, it dialogues with authors such as Paulo Freire (1996, 2005, 2011), Jean Piaget (1976, 1985), Lev Vygotsky (2000, 2003), Henri Wallon (1954, 1979), among others. The methodology used for this work was a bibliographic and documentary research of a qualitative nature, which permeates the research in books and scientific articles. As a result, at the end of the research, a pedagogical proposal was presented regarding the Pedagogy of Affectivity, since we identified how important it is to adopt this activity without implying in the dynamics of class planning.

Keywords: Affectivity; Learning; Child education; Pedagogy.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho intenciona demonstrar como a afetividade no processo de aprendizagem da criança interfere direta ou indiretamente na sua vida como um

¹ Graduande do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIESP E-mail: aninhalfs@hotmail.com

² Graduande do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIESP E-mail: apaula464@gmail.com

³ Graduande do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIESP E-mail: ferreiramjs@hotmail.com

⁴ Professora Orientadora, Mestra em História pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Docente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIESP. E-mail: marciaalbq@iesp.edu.br

todo, pois ao longo da sua construção enquanto ser social, está se encontrará diante de diversos conflitos entre o eu e o outro em meio à sociedade.

Enquanto profissionais da educação compreendemos que a família é o primeiro contato social da criança, tal como também, o centro de apoio afetivo. A escola encontra-se como o espaço, para além da casa, no qual a criança desenvolverá suas habilidades com relação a um grupo social maior e mais diversos. Neste sentido, a escola exerce a função de apoiar de forma acolhedora e transformadora, ou seja, um meio em que os indivíduos se relacionam, interagem e aprendem a lidar enquanto membros da sociedade. Diante deste contexto, se faz pertinente compreender, por meio de um processo investigativo como esta afetividade pode contribuir para a formação social da criança. Compreende-se a criança como um ser sensível, inteligente e sonhador que na educação formal aprimora princípios, valores e objetivos a serem desenvolvidos ao longo da vida, o que possibilita experiências e conhecimentos sócios emocionais.

No entanto, algumas crianças na sala de aula apresentam falta de interesse de se relacionar consigo e com o outro. A criança não consegue desenvolver habilidades simples como, por exemplo, compartilhar coletivamente objetos, participar de brincadeiras, estudos em grupos, entre outros.

Este comportamento pode ser transmitido a partir de uma aprendizagem doméstica, a qual a criança em seu lar não é estimulada à regra de convivência, reproduzindo na escola o que aprendeu em casa. Todavia, a partir da partilha a criança sociabiliza, aprende sobre respeito, diversidade e pode adquirir outras competências, tal como o gosto pela leitura e escrita. Sabemos que ler e escrever tem grande importância na formação da criança enquanto seu processo de aprendizagem e por isso é fundamental que a mesma, esteja bem emocionalmente para que possa dominar com segurança os conhecimentos construídos na escola e em casa.

É pensando neste contexto que surge o seguinte questionamento: Como o trabalho docente afetivo pode auxiliar no processo ensino-aprendizagem da criança?

Para responder a este questionamento, objetiva-se demonstrar como o trabalho pedagógico afetivo contribui para o processo de ensino-aprendizagem da criança. Assim, contextualizar a Pedagogia da afetividade; caracterizar as problemáticas do ensino-aprendizagem no século XXI; e por fim, demonstrar como a Pedagogia da Afetividade pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem.

Este estudo dialoga com Paulo Freire (1996, 2005, 2011), Jean Piaget (1976,1985), Lev Vygotsky (2000, 2003), Henri Wallon (1954,1979), que são bases fundamentais para discussões referentes ao campo da Pedagogia.

A metodologia utilizada para este trabalho será inicialmente uma pesquisa bibliográfica e documental de natureza qualitativa, a qual perpassa pela pesquisa em livros e Artigos científicos.

O presente trabalho prioriza o incentivo ao estímulo, a socialização familiar, escolar e social, a valorização humana, afetiva e ética na busca transformadora dos fatores que influenciam na relação fraterna melhorando na aprendizagem da criança no seu constituir e o do outro. Assim, este o desenvolvimento deste estudo pode contribuir com pesquisas futuras.

Este estudo se organiza em três partes, inicialmente esta introdução, a fundamentação teórica e metodológica, e por fim, as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: AFETIVIDADE E DOCÊNCIA

A princípio, o ensino propõe e direciona as condutas pedagógicas e sugere uma educação voltada ao desenvolvimento de cidadãos questionadores, ao mesmo tempo em que nos leva a torná-los pessoas mais sensíveis ao ambiente e todos os seres que ali se encontram.

O docente exerce a função de mediar à construção de conhecimento no processo de aprendizagem individual e da construção cognitiva e afetiva no desenvolvimento do comportamento. A ligação afetiva entre o professor e o aluno, no cenário atual que se inicia nos primeiros anos da educação infantil, vai sofrendo alterações com o passar das séries. Todo aquele afeto nos anos iniciais, vão se transformando em uma relação mais conflituosa e afastada quando passam pelo ensino fundamental maior, quando o professor se transforma em outra figura.

Souza (2013, p. 20-21) reforça:

[...] as relações afetivas nas salas de aula dependem muito das atitudes do professor. Se ele se mantiver indiferente ou expressar raiva em relação aos alunos, a tendência é que essas atitudes causem reações recíprocas nos alunos, gerando um ambiente conflituoso que dificultará a aquisição do conhecimento. As emoções e os sentimentos das crianças influenciam o seu desempenho escolar. A relação que elas estabelecem com o meio tem um importante papel na aprendizagem.

Com base nesta afirmação é necessário entendermos que o papel do professor requer uma prática constante de saberes que conduzam os discentes a compreender seu meio, em um ambiente em que as atitudes emocionais dos docentes também refletem nas emoções dos alunos.

O professor afetivo possibilita que haja uma relação de segurança e impossibilita obstáculos que prejudiquem a socialização do indivíduo. A prática da docência parte do pressuposto que a função de educar determina e articula certo domínio do conteúdo. É necessário que ao longo da trajetória docente, a relação afetiva entre professor e o aluno seja centrada de modo a não agravar processos inibidores que acabam provocando a timidez, a falta de curiosidade, que impedem o aluno a desenvolver seu afeto cognitivo e de sua autonomia. (Queiroz, 2017).

A afetividade é um dos principais elementos a serem trabalhados na formação humana. Na perspectiva da afetividade temos a inteligência emocional, ao qual o indivíduo precisa manter em equilíbrio para enfrentar diversas situações vivenciadas no seu cotidiano. Portanto é importante que o professor na escola assume o papel da afetividade como mais um processo necessário à formação intelectual dos alunos, e de apoio às interações e valores que os e mesmos irão adquirir nas execuções de atividades simples, como dialogar, brincar, dividir seus objetos, e fazê-lo entender que existem outras pessoas no mesmo ambiente, as quais convive diariamente.

Sabemos que a afetividade é um ato em que o indivíduo manifesta de forma emocional, sentimentos que expressam satisfação, alegria, prazer, dor ou não, isso dependerá muito da sensibilidade emocional e o momento pelo qual isso acontece ou está inserido em seu meio de convivência.

É na escola que o professor e o aluno encontram divergências. A prática da docência dentro da escola deve garantir ao educando qualidade de ensino, sobretudo, contínuo. Ainda nos deparamos com professores que pensam e realizam um ensino longe da realidade do que se é proposto. É a partir desta situação que, o professor precisa reconhecer diante de uma geração diferente, conteúdos e metodologias são diferentes, para se adequar ao público atual.

O professor precisa ter um olhar diferenciado ao que será ensinado. O educando precisa de uma educação que ultrapasse o que será ensinado, contemplando valores e culturas, práticas de autonomia.

Para Georges Snyders (1997, p. 23) completa:

É preciso reconhecer realmente que a escola é de início lugar de divergência entre as maneiras de ser: do professor aos alunos, desacordo de idade, de formação de gostos; corre-se o risco de que o professor esteja voltado para o passado, para um passado que justifica enquanto que os alunos estão voltados para o futuro.

Davis e Oliveira (2010) entendem que a atuação docente no desenvolvimento de crianças e adolescentes enfrenta seus maiores desafios principalmente quando se trata da escola para resolver de forma efetiva a possibilidade de produzir com materiais e os meios disponíveis, algo concreto e que ainda não tenha sido realizado.

É preciso, enquanto na função de professor, identificarmos o aluno e seu meio que por sua vez também possuem seus limites levando-os a um caminho de aprendizado, preparando-os para aquilo que ainda não adquiriram no seu processo de aprendizagem.

Faz-se necessário que esta ligação professor e aluno tenha em si uma relação inteiramente fortalecida dentro e fora da escola, que a criança também interaja uma com a outra, com a família, a comunidade e perante a sociedade. Aprender práticas docentes vai muito além do ensinar na escola, é o reconhecimento que está inserido em sua volta no processo contínuo.

Almeida e Mahoney (2007, p. 134) definem que “[...] Hoje, mais do que nunca, professores e alunos querem ser ouvidos, compreendidos, considerados – querem uma relação de pessoa para pessoa.”

Para uma relação interativa professor-alunos, acredita-se que o docente deve auxiliar o aluno na missão de aprender, a fim de lhes possibilitar refletir com autonomia. O aluno necessita de alguém que reconheça os diferentes estágios do seu processo de aprendizagem e ajude-o a progredir. Essa parceria não se dá apenas através do professor, mas também do colega, para que o mesmo adquira novas habilidades, pensamentos e ideias. (DAVIS, OLIVEIRA, 2010)

2.1 PROBLEMÁTICAS DO ENSINO-APRENDIZAGEM DO INFANTIL AO FUNDAMENTAL I NO SÉCULO XXI

O mundo em que vivemos muda o tempo todo e o sistema da educação também sofre mudanças e alterações. Com o surgimento dessas mudanças é possível detectar as problemáticas do ensino-aprendizagem do infantil ao fundamental I que são diversas, entre elas destacam – se: a evasão escolar, falta de atenção, distração, disgrafia, discalculia, dislalia, dislexia, distografia e o TDAH.

O ensino aprendizagem nas escolas no século XXI não apresentam as mesmas formas de construção de conhecimento. No passado a didática utilizada era bem diferente, hoje existe um leque de possibilidades metodológicas para trabalhar determinado conteúdo.

A tecnologia avança e contribui significativamente enriquecendo as aulas e a participação de todos nos momentos pedagógicos. O(a) professor(a) tem o papel de ensinar seus alunos de maneira dinâmica e prazerosa com o auxílio das inovações tecnológicas. Quando a criança aprende com o novo, o processo de ensino aprendizagem é mais rápido.

Segundo Freire (1996, p. 47), o processo de aprendizagem vai, mas além, ele cita que: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Com base em Freire, o professor precisa transmitir o conhecimento por meio de criações de possibilidades que estimulem a compreensão da construção do saber que está em processo construtivo.

Segundo Piaget (1976, p. 16) o afeto é essencial para o raciocínio e o desenvolvimento da inteligência:

[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.

De acordo com as palavras de Piaget (1976) a vida afetiva e cognitiva da criança é inseparável, pois quando o lado afetivo é comprometido à vida cognitiva

acaba sendo afetada prejudicando assim o processo de compreensão do ensino da aprendizagem.

Segundo Almeida (2008, p. 353) algumas crianças despertam sentimentos, ele cita que o professor deve evitar:

[...] evitar despertar nas crianças determinados sentimentos negativos, como hostilidade, desprezo, ciúme e inveja que em nada contribuem para o convívio em sociedade. [...] despertando a cooperação e não a rivalidade. [...] A família e a escola têm uma participação íntima, pois são um meio favorável à aprendizagem de sentimentos que marcam a vida da criança. Por isso, já nos primeiros anos escolares, o professor deve ser competente em preparar a criança para viver em coletividade (ALMEIDA, 2008, p. 353).

Com base na fala de Almeida (2008), o professor precisa observar o comportamento das crianças e criar estratégias dinâmicas que evitem sentimentos negativos, tais como desprezo, ciúme, inveja no ambiente em que vivem. A família e a escola devem estar em parceria e criar laços de afetividade aconchegante para ganhar a confiança da criança para poder trabalhar com mais autonomia as regras de convivência social, para que essa criança compreenda essas regras e execute no seu dia, e assim, evolua no seu processo de aprendizagem.

Para Wallon (1954, p. 288) a afetividade é:

A afetividade é um domínio funcional cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência, em que a escolha individual não está ausente.

Wallon (1954) destaca que a afetividade de uma criança pode apresentar dois fatores, o fator orgânico e o fator social. O fator orgânico acontece quando a criança já nasce com a saúde física comprometida, ou seja, com falha no sistema nervoso e a falta de alimentação adequada, poucas horas de sono, doenças como anemia, parasitose, entre outros que afetam o sistema cognitivo. Já o fator social mexe com o emocional da criança, hoje nas escolas nos deparamos com crianças que sofrem de crises de ansiedade, angústias, medo, sentimento de rejeições, entre outros. No entanto a escola precisa estar em conjunto com a família para ajudar essa criança se interagir no ambiente escolar e social.

Visto que as emoções se destacam com papel predominante no desenvolvimento cognitivo, Lisboa (1998, p. 63) cita que para que haja um desenvolvimento pessoal adequado é necessário que:

As creches e escolas são de grande importância para desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças [...]. Nesses locais, elas têm de aprender a brincar com as outras, respeitar limites, controlar a agressividade, relacionar-se com o adulto e aprender sobre si mesma e seus amigos, tarefa estas de natureza emocional [...] fundamental para as crianças menores de seis anos é que elas se sintam importantes livres e queridas.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), preconiza-se que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, art. 29).

Nesse campo, o professor/educador também tem papel fundamental no desenvolvimento da afetividade. De acordo com Chalita (2004, p. 33), “[...] afetividade é ter afeto no preparo, afeto na vida e na criação. Afeto na compreensão dos problemas que afligem os pequenos [...]”.

A família tem um papel importante no desenvolvimento da criança, quando falamos do emocional. Desde pequena a criança é instruída pelos pais a se comunicarem com outras pessoas e quando essa relação não é bem preparada à criança na escola pode apresentar um bloqueio, se situando apenas no seu mundo e não sabendo se comunicar com os colegas e o professor, então é nessa hora que a escola deve atuar como amparo para torná-la confiante a interagir em diversas situações do cotidiano para que futuramente possa se comunicar com segurança na sociedade.

2.2 PEDAGOGIA DA AFETIVIDADE: EXISTE ESTA POSSIBILIDADE?

Esta realidade existe, pois o ensino se faz presente no indivíduo que aprende no que é ensinado, gerando um elo de aproximação que chamamos de afetividade do eu e do outro, onde nós nos reconhecemos como seres que possibilitam a harmonia entre o ouvir, o ver, o falar, o sentir que é partilhado no contexto dos ambientes do qual somos inseridos.

Para Freire (2011, p. 111), no livro *Pedagogia da Autonomia*:

Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, na fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de

transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele.

Quando a criança aprende a usar seu sentimento afetivo do falar e do sentir, vemos que ela está em uma fase que se entende e já se reconhece como um ser transformador de suas atitudes, ações que provocam o interesse de uma nova realidade pedagogicamente afetiva e autônoma que investiga e articula os saberes necessários.

Segundo Freire (2011, p. 114), no livro *Pedagogia da autonomia*:

No processo da fala e da escuta, a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um sine qua da comunicação dialogada. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. (2011, p. 114)

Mediante a fala do autor dizemos que os processos da fala e da escuta se assemelham, pois quem aprende a falar também aprende a escutar, essa troca de entendimento possibilita à criança o desenvolvimento da capacidade de se construir como uma pessoa capaz de assumir a prática do afeto por si e pelo seu próximo.

Ainda em se tratando da afetividade, da dimensão temporal, do desenvolvimento da criança e suas possibilidades, destacamos alguns estágios citados por Wallon (1979) e que busca o ponto de vista afetivo e pedagógico de acordo com as idades, vejamos:

- **Estágio impulsivo-emocional (0 a 1 ano):** nele a criança, atinge a sensibilidade afetiva a partir de movimentos desordenados, dos músculos.
- **Estágio sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos):** já se identifica através das primeiras falas e dos passos, reconhece e explora seu meio externo como objetos e tudo que está envolvido ao seu redor.
- **Estágio do personalismo (3 a 6 anos):** é a fase onde a criança descobre e compreende que é diferente das outras. Passa a perceber sentidos como resistir, se encantar e reproduzir gestos.
- **Estágio categorial (6 a 11 anos):** ela já consegue se agrupar e entender o eu e o outro, nos vários níveis de sua realidade.
- **Estágio da puberdade e adolescência (11 anos em diante):** a criança já entende a si mesma como um ser capaz de realizar com

autonomia sua dependência e realizar algumas atividades de confronto e também questionamentos.

Como foi visto cada idade tem suas características e possibilidades de expressão do afeto diferenciada por fase de cada criança. Podemos, portanto, concluir que a dimensão temporal afetiva é atribuída a criança e que se é dada durante seu processo ao longo da vida. O professor está em contato direto nesse processo a partir do segundo estágio, e isso possibilita reconhecer e priorizar as expressões que cada aluno já traz consigo.

2.3 A PEDAGOGIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

A pedagogia do afeto tem como objetivo um olhar mais direcionado para o aluno e deixa de lado os métodos de ensino que foram exercidos nas formas de pedagogia tradicional ou tecnicista. Segundo Freire (1996, p. 141), “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade”, mas é preciso tomar cuidado tanto com a falta de afeto como com afetos desordenados que podem descontrolar os verdadeiros sentimentos.

Entender os próprios sentimentos através do autoconhecimento é o início para saber controlar a si mesmo e tentar compreender as emoções dos outros. A cooperação e o afeto devem está interligados entre o professor e o aluno para obter experiências e saberes que as crianças desenvolvem no decorrer das habilidades propostas pelo professor em sala de aula. Habilidades essas que são estabelecidas por meio de relações sociais que as crianças adquirem quando pequenas por meio de professores e outras crianças.

Para Davis e Oliveira (2010, p. 105) as emoções:

estão presentes quando se busca conhecer, quando se estabelece relações com objetos físicos, concepções ou outros indivíduos. Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade, embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos. O afeto pode, assim, ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. E mais: ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade.

Conforme a citação, o afeto e a cognição interagem inseparavelmente, pois estão presentes nas atividades educativas, ações estas que os indivíduos conseguem de forma segura efetivar a aprendizagem. O desenvolvimento cognitivo permite que os indivíduos construam as suas próprias ações como personalidade e identidade respeitando assim as ligações com outros indivíduos, ou seja, no seu processo social e afetivo.

O Currículo da Educação Infantil segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (2013, p. 86) é concebido como:

Um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico. Tais práticas são efetivas por meio de relações sociais que as crianças desde bem pequenas estabelecem com os professores e as outras crianças, e afetam a construção de sua identidade. [...] Educação Infantil deve considerar a integralidade e indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural das crianças [...]

De acordo com a definição de currículo da Educação Infantil citada acima, nota-se que a criança carrega uma bagagem na construção das práticas pedagógicas como a sua estrutura afetiva, cognitiva e social e isso pode influenciar no seu processo de ensino aprendizagem e para alcançar os objetivos propostos é essencial a importância da relação da família e da escola para que juntas possam desenvolver um excelente desempenho do educando.

Piaget (1985, p. 148) afirma que:

A pedagogia moderna não saiu de forma alguma da psicologia da criança, da mesma maneira que os progressos da técnica industrial surgiram, passo a passo, das descobertas das ciências exatas. Foram muito mais o espírito geral das pesquisas psicológicas e, muitas vezes, também, os próprios métodos de observação que, passando do campo das ciências pura ao da experimentação, vivificaram a pedagogia.

Para Vygotski (2000, p. 146) o processo de aprendizagem ocorre através de interações pessoais constantes, ou seja, é por meio do outro que o indivíduo molda seus pensamentos e ações, construindo assim novos conhecimentos:

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial.

No que se refere à citação o amor afetivo é peça chave para o desenvolvimento cognitivo de cada ser e quando se fala no emocional do indivíduo é de grande importância à preocupação da educação nas mesmas proporções que se desenvolve a inteligência e a vontade de descobrir habilidades no processo de ensino aprendizagem tendo em vista uma pedagogia mais afetiva.

Vygotsky (2003, p. 121) ainda ressalta que:

A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem a geografia, mas também que a sintam. [...] as reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo.

Em nossa concepção no que ressalta Vygotsky, o emocional por sua vez também é uma ferramenta tão importante quanto o pensamento, pois o professor se preocupa com o que o aluno pensa, fala e sente. O professor precisa exemplificar com clareza o conteúdo disciplinar de maneira teórica (abstrata) e prática (concreta) para que o aluno consiga assimilar e sentir de fato o que foi aprendido no processo educativo.

Com base dentre as dez competências gerais da BNCC (2017), quatro delas abordam de maneira mais direta sobre habilidades emocionais:

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos Direitos Humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Conforme a luz de Freire (2005, p. 27):

Aprender é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador. Quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, mais se constrói e desenvolve a curiosidade do educando e essa curiosidade é despertar quando o aluno gosta da escola e se sente bem em sala de aula.

De acordo com a citação anterior quanto mais o aluno aumenta a sua curiosidade de saber e aprender, mas terá um crescimento no seu desenvolvimento cognitivo e ao mesmo tempo em que o educando constrói suas habilidades, mas se torna um aprendiz criativo na escola.

Segundo Silva, Zeneide (2020, p. 36) a escola é o principal local para fomentar a boa relação com os próprios sentimentos. Os objetivos e princípios fundamentais da educação emocional são:

- Ajudar as pessoas a perceberem suas emoções.
- Ensinar a ter empatia.
- Reconhecer e compreender as diferentes emoções.
- Ter, diante da emoção, um comportamento construtivo.
- Ajudar a identificar as próprias forças pessoais.
- Aumentar o emprego das forças pessoais em seu dia a dia.
- Promover emoções positivas.
- Construir e fortalecer os relacionamentos sociais positivos.
- Ensinar habilidades sociais e cognitivas para o enfrentamento das adversidades.
- Promover o sentido, o engajamento.

É por meio da pedagogia da afetividade que se faz necessária uma proposta de intervenção pedagógica afetiva que envolva escola, família e sociedade para que juntos possamos direcionar com carinho um olhar mais afetivo para a criança, pois sabemos como esta metodologia pode ser efetiva no processo de aprendizado.

3 METODOLOGIA

Este trabalho adota enquanto metodologia a pesquisa de cunho bibliográfica, teórica e reflexiva. Inicialmente, foi feita uma pesquisa exploratória. Em plataformas digitais como o Google Acadêmico foi feita uma busca sobre a temática da Pedagogia da Afetividade. Em seguida, a compilação das fontes (material teórico) feito um levantamento, como segunda etapa, o qual foi possível identificar as obras a serem lidas, analisadas e discutidas enquanto aporte teórico. Posteriormente, diante do levantamento iniciamos o trabalho de análise, reflexão e síntese dos textos na etapa explicativa. A partir de então, tem início a construção do texto e a segunda etapa da pesquisa proveniente do seu resultado, o qual consta da elaboração de

uma proposta pedagógica que aborda a Pedagogia da Afetividade na Educação infantil.

3.1 AFETIVIDADE NA PRÁTICA

É por meio da pedagogia da afetividade que se faz necessária uma proposta de intervenção pedagógica afetiva que envolva escola, família e sociedade para que juntos possamos direcionar com carinho um olhar mais afetuoso para a criança, pois sabemos como esta metodologia pode ser efetiva no processo de aprendizado.

Diante das reflexões proposta no nosso trabalho, acreditamos que seria importante propor um projeto de intervenção afetiva que vise trabalhar com o eu, o outro e o nós, numa perspectiva na qual a criança se sinta acolhida por todos ao seu redor.

As propostas pedagógicas para as instituições de educação infantil devem promover em suas práticas de educação e cuidados, a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser total, completo e indivisível. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p. 11).

Neste contexto, é perceptível que precisamos educar crianças com afeto e determinação, criar laços de interação dentro da prática docente. Mediante as discussões desenvolvidas, acreditamos que a escola pode trabalhar com projetos. Dentre esta reflexão, como resultado deste estudo, propomos como sugestão, o projeto "Pedagogia do afeto, autônoma e reflexiva".

A afetividade na prática é uma proposta de ação coletiva na escola baseada na BNCC (2018), referente aos Direitos de Aprendizagem e desenvolvimento na Educação infantil, que destaca o direito a:

Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

Neste contexto, adotamos como fio condutor desta proposta a aprendizagem “O eu, o outro e o nós” que busca conduzir a criança a expressar seus sentimentos, respeitar as emoções, conviver coletivamente respeitando as diversidades, conhecer as regras de convívio respeitando o outro.

Observando esta competência, podemos ressaltar que ela capacita o discente a atuar na sociedade conhecendo a si e ao outro. Na perspectiva da Pedagogia da Afetividade o ensino que contemple esta aprendizagem decorre inicialmente de um trabalho efetivo com os docentes da escola. Para tanto, o trabalho docente precisa ocorrer mediante algumas etapas:

1. Estudo da BNCC por parte da Coordenação Pedagógica da Escola;
2. Leitura, discussão e diálogo da obra de Paulo Freire – Pedagogia da Autonomia por parte da Coordenação com os docentes da escola;
3. Após a leitura e discussão, os docentes são orientadores a construir um Projeto Pedagógico baseado na aprendizagem “O eu, o outro e o nós” da BNCC;
4. Posteriormente, ao longo da construção do Projeto, a Coordenação deve promover Ciclos de Palestras sobre diversos temas relacionados à Pedagogia da Afetividade;
5. Com o Projeto pronto os docentes vão estabelecer as metodologias ativas, as quais contemplem: dinâmicas, atividades com música, artes,

meditação e exercícios físicos, os quais terão como objetivo promover a percepção de si e do outro;

6. Os docentes dão início a execução do Projeto, sendo ele alinhado ao planejamento docente das turmas quanto aos conteúdos e prazos, contemplando em sua metodologia a Pedagogia da Afetividade;
7. Ao longo do ano letivo, os docentes devem registrar todos os passos da aplicação do projeto.

Assim, nossa proposta não objetiva ser algo diferente ou paralelo ao trabalho do docente quanto ao seu planejamento. Pelo contrário, nossa proposta visa à inserção no planejamento docente de uma Pedagogia da afetividade. Acreditamos que a educação sensível e humanizada transforma.

Os professores reconhecem que crianças e jovens mais carinhosos agem ou reagem com menos violência. Os aprendizes precisam desenvolver mais sensibilidade para deixar manifestar em si os gestos carinhosos que são naturais do ser humano. Temos nas escolas os conteúdos obrigatórios, as regras rígidas dos programas, a corrida para formar profissionais, mas o mundo está mostrando que, sem educar a sensibilidade, teremos mais agressões. É hora de dar um espaço de tempo para o indivíduo educar seu coração na escola. O tempo que prioriza apenas o intelecto mostra que os seres estão perdendo algo fundamental da vida - amar a si mesmo e amar ao próximo. (WENDELL, 2016 p. 9).

Assim, de acordo com Wendell (2016) quanto mais carinho e amor passamos para o próximo, mais carinhosos e afetuosos seremos. Na Pedagogia da Afetividade é com afeto que se aprende e os aprendizes precisam vivenciar momentos de reflexões na escola, família e sociedade desenvolvendo assim, suas sensibilidades para deixar fluir o que existe de melhor dentro de si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho teve como objetivo demonstrar como o trabalho docente afetivo pode auxiliar no processo ensino-aprendizagem da criança. Foi observado que existe a possibilidade da afetividade pedagógica trabalhada dentro do âmbito escolar e que por sua vez, pode ser inserida na prática docente. No entanto, seja qual for à prática, para que atingir bons resultados é sempre necessário buscar estratégias inovadoras.

A afetividade na prática da docência pode afetar positivamente a vida das crianças, podendo estimulá-las inclusive a viver melhor na coletividade. Neste sentido, se faz pertinente destacar a importância do papel do professor na vida das crianças quando este consegue estabelecer uma conexão segura. Todavia, o trabalho pedagógico afetivo inserido ao planejamento anual da turma pode desenvolver nas crianças o crescimento da segurança e das competências exigidas pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

Diante dos fatores vivenciados em sala de aula, é primordial uma pedagogia afetiva que vise um olhar mais direcionado para o aluno onde as ações construtivas de suas habilidades cooperem afetivamente e cognitivamente em suas experiências no decorrer do seu desenvolvimento e desempenho no âmbito escolar, familiar e social.

Na sociedade em que vivemos, a educação vem sofrendo diversas mudanças no processo de ensino aprendizagem. Ao longo desse processo os professores vêm detectando diversos problemas em sala de aula tais como: falta de atenção, distração, discalculia, dislexia, entre outros. E em alguns casos é possível nos depararmos também com crianças que sofrem com alguns distúrbios socioemocionais que acabam prejudicando seu lado afetivo e cognitivo.

O educador precisa criar estratégias inovadoras para auxiliar essas crianças a se desenvolver melhor no seu meio social e escolar para que as mesmas se tornem um ser autônomo no seu dia a dia e para que tenha uma ação produtiva se faz necessário propor atividades diversificadas que chame atenção e despertem o interesse dessas crianças a se interagir em grupo, na sala e na convivência social com a família e a sociedade que o cerca. É importante que haja novos estudos que enfatizem uma interação educacional afetiva na qual possam visar novas ações socioemocionais no meio em que vivem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **A afetividade no desenvolvimento da criança: contribuições de Henri Wallon**. Inter-Ação: Revista da Faculdade de Educação da UFG, v. 33, n. 2, p. 343-357, jul./dez. 2008.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de MAHONEY, Abigail Alvarenga. **Afetividade e aprendizagem: contribuição de Henri Wallon**.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação básica /Secretaria de Educação Básica.** – Brasília: MEC, SEB, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Lei nº. 9.394/96: **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 1996. Disponível em:. Acesso em: 09 set. 2022

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto.** São Paulo: Editora Gente, 2004.

DAVIS, Claudia, e OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Psicologia na Educação.** –3 ed.—São Paulo: cortez, 2010

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 25ª ed. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA - saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011, p 114.

LISBOA, A. M. J. **O seu filho no dia-a-dia: dicas de um pediatra experiente.** Vol. 3, Brasília: Linha Gráfica, 1998.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

PIAGET, J. **A construção do real na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p.16.3

QUEIROZ, Francisco de Assis, **Relação professor/aluno:** importância dos vínculos afetivos ao processo de ensino aprendizagem. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/relacao-professor-aluno-importancia-dos-vinculos-afetivos-ao-processo-de-ensino-aprendizagem.htm>. Acesso em: 24 ago. 2022.

Resolução CEB nº 022 de 17 de Dezembro de 1998. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.

SILVA, Zeneide. **Competências socioemocionais: Saiba (quase) tudo o que elas podem fazer por você e por seus alunos /** Zeneide Silva. 1. ed.- Recife: Prazer de Ler, 2020.

SNYDERS, G. **Alegria na Escola.** São Paulo: Manole, 1988

SOUZA, Cristiane Belarmino de. **A afetividade na visão de docentes da Educação Infantil.** 2013. 42 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013

WALLON, Henri. **Les mileux, les groupes et la psychogenèse de L'enfant.** Enfance, Paris, v. 4, nº 3, p.287-296, mai/oct. 1954.

WALLON, H. (1979). **Psicologia e educação da criança**. Lisboa, Veja. – (2007). **A evolução psicológica da criança**. São Paulo, Martins Fontes.

WENDELL, Ney. **Carinho se aprende: atividades para professores e pais** - Recife: Prazer de Ler, 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. _____. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.